



CIDADE EMOÇÃO: O OLHAR E O VIVER OS ESPAÇOS URBANOS DA COMUNIDADE EMOCIONAL JOVENS DA CAROBINHA NO RIO DE JANEIRO

Glauco Coelho

PROURB-FAU-UFRJ; Doutoranda; Rio de Janeiro-RJ; coelhoglauco@gmail.com

RESUMO

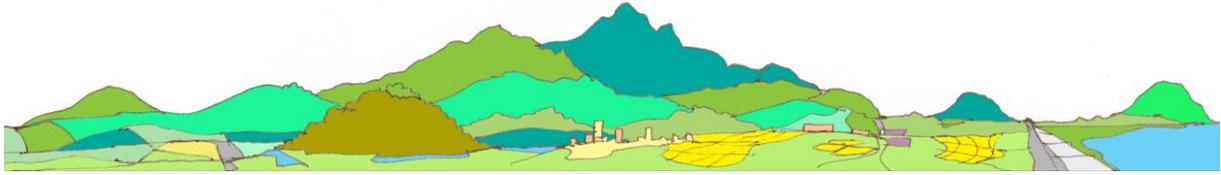
Este trabalho entende a cidade através do olhar de um grupo de jovens que habita um lugar sujeito às condições de pobreza. O que nos move é conjecturar como, a partir das emoções, tais jovens são capazes de construir em processos interacionais no e com o espaço urbano, a percepção de cidade ao localizarem nesta, suas identidades. Para a caracterização desta cidade, que convencionamos chamar “cidade emoção”, coletamos as representações que os jovens expressam em desenhos e falas sobre o espaço urbano, uma vez que são imagens gravadas no imaginário coletivo. O objetivo de nossa pesquisa foi entender o espaço vivenciado do Rio de Janeiro, através dos processos perceptivos de jovens que trazem à tona a ambiência urbana à medida que revelam a identidade do território cotidiano de suas experiências (THIBAUD, 2008). Por conseguinte, essa relação interacional dos jovens, converte-se em uma das peças fundamentais e tecedoras da construção do indivíduo, que analisamos com base na ideia de Vygotski (1998). Nesse contexto teórico, nosso objeto de estudo, a cidade, se coloca culturalmente como uma comunidade emocional (MAFFESOLI, 2010), de domínio dos seus habitantes, porém, está no território apropriado o centro de onde emana o entendimento do que é o todo urbano (RAFFESTIN, 1995).

PALAVRAS-CHAVE: território, paisagem urbana, ambiência, identidade.

EMOTION CITY: IT IS A SPECIAL LOOK AND ABOUT THE URBAN LIVE OF YOUNG PEOPLE GROUP THE NEIGHBORHOOD CALLED AS COMMUNITY OF CAROBINHA IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This report tries to understand the city through the look of young people that lives in a place expose to poverty conditions. What move us to try understand how, starting to the feelings,



those young people are able to construct in interaction process in and with urban space, the perception of city to the notice their identities in it. To characterization of this city, that we decide to call “emotion city”, so was collected representations that they usually express at drawings and speeches about the urban space, since they are captured images at collective imaginary of the habitants. The objective of this research has been to try understand the living area to the Rio de Janeiro, through to young peoples’ perceptive processes bring up urban ambience as they reveal identity territory and daily experiences (THIBAUD, 2008). Therefore this young people’s interactional relation, became itself at one of most important parts at development for the individual that was analyzed having at base Vygotski’s idea (1998). This theory context, our object of study, the city, take itself culturally as one emotional neighborhood (MAFFESOLI, 2010), of habitants’ domain, although it is in a territory belongs to the city habitants, the center where the knowledge come from that is the all urban (RAFFESTIN, 1995).

Key-words: territory, urban landscape, ambience, identity.



CIDADE EMOÇÃO: O OLHAR E O VIVER OS ESPAÇOS URBANOS DA COMUNIDADE EMOCIONAL JOVENS DA CAROBINHA NO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

(...) quer seja pelo contato, pela percepção, ou pelo olhar, existe sempre algo de sensível na relação de sintonia [empatia] (MAFFESOLI, 2010, p.129).

Este trabalho entende a cidade como resultante de processos interacionais que tanto constroem o conhecimento das nuances referenciais, como envolve neste processo o olhar sensível daquele que vivencia o espaço urbano. Por isto, vislumbrando tanto o olhar como o viver urbano, através do contato com o outro, sempre nos informando e nos transformando.

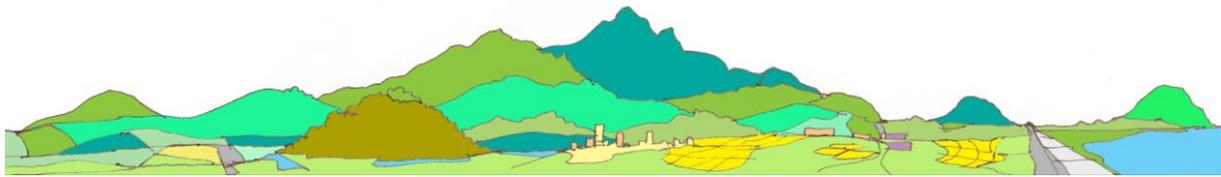
Assim, com base em tais considerações iniciais, partimos do pressuposto que o conceito de cidade é algo socialmente construído dentro dos grupos sociais a que pertencemos (VYGOTSKI, 1998), embasado em nosso estudo no entendimento do que seja a “*comunidade emocional*” enunciada por Maffesoli (2010). Acreditamos que a emoção tece dialogicamente as experiências vivenciadas no e com o território (RAFFESTIN, 1995, 1977) a partir do olhar, síntese dos processos perceptivos da paisagem, a construção do que seja para nós o conhecimento de cidade.

Tal conhecimento é trazido à tona quando indagamos um grupo de jovens entre 15 e 17 anos que habita a cidade do Rio de Janeiro, a partir da Comunidade da Carobinha, loteamento irregular no subúrbio da cidade. A investigação adota o fazer etnográfico com o registro no caderno de campo, de falas e impressões dos autores, para posterior construção do que seja a “*cidade emoção*” expressa por uma comunidade emocional.

1. O OLHAR E O VIVER URBANO

Partimos do princípio que as experiências humanas são produzidas entre o olhar (perceber pelos processos perceptivos) e o vivenciar (acumular experiências). Esta relação entre perceber e viver localizam identidades, à medida que constitui territórios cotidianos que se tornam cada vez mais complexos pelos movimentos de desterritorialização e reterritorialização.

Para compreendermos a complexificação interna do desse território, e as relações de reciprocidade na sua constituição, se faz necessária captar o sentido de diferenciação e ressignificação da paisagem urbana ressaltando o simbolismo da sua forma e funções através



das apropriações. Com isto, algo que antes era simplesmente categorizado pela dimensão do olhar, agora incorpora o viver.

Com base em tais considerações, é importante pensarmos a paisagem como um sistema arranjado de elementos variados, ou de uma maneira muito teórica e elementar, a paisagem é uma combinação de unidades que possibilita diversas morfologias. Trata-se, pois, de uma sintaxe geográfica, uma frase que combina diferentes elementos, que responde a fins práticos e que concentra em si a experiência que serve a conservação e transmissão de informações, mas que em geral, pode, se interpretada somente por seu aspecto visual, mascarar os limites e significações do território (RAFFESTIN, 1977, pp.127-129).

Estamos dizendo com isso, e com base nas informações de Raffestin que a dimensão visual que confere maior ou menor grau de espetacularidade a paisagem, não é suficiente para descrevê-la em nosso estudo, a partir do momento que as diversas possibilidades de arranjos que criam os territórios nos imaginários da juventude são colocadas em relação também pela dimensão viver como aporte sociocultural. Assim sendo, faz-se necessário capturar uma “*linguagem da territorialidade*” (RAFFESTIN, 1995) que irá nos permitir perceber as relações vividas nas apropriações dos espaços pelos processos perceptivos evocados pelo olhar urbano.

A linguagem da territorialidade trata de uma relação, um processo capaz de criar territórios humanos carregados de significados, que se desterritorializam no espaço-tempo, para em seguida reterritorializar a experiência humana em novas significações. Tal linguagem é definida, sobretudo, como um processo de troca de informações ou de comunicação que se desenrola numa rede complexa como uma interface biossocial (RAFFESTIN, 1995).

Isto nos anuncia que a linguagem da territorialidade deve nos impelir a compreensão do mundo pelo conjunto formado pelos fatores que anunciam a linguagem da paisagem e a linguagem do território, como “*aspectos paralelos*” (CULLEN, 1983, p.10) que ocorrem em um determinado ambiente e que é capaz de suscitar reações emocionais, o que delimita a cidade como “*uma ocorrência emocionante no meio-ambiente*” (p.10).

2. A CIDADE EMOÇÃO

Um conceito socialmente construído

É importante delimitarmos que consideramos a emoção como uma categoria de análise antropológica, capaz de organizar o conhecimento que construímos sobre o que é real através das interações. Ela se estrutura não apenas como algo da subjetividade, mas, sobretudo



como algo “(...) que tem efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (REZENDE & COELHO, 2010, p.13).

Com isso, quando dizemos cidade emoção, estamos conjecturando o espaço urbano como uma materialidade que ganha significação à medida que nos relacionamos com o mundo tanto pelos processos perceptivos como pelos sócios culturais, ao colocar em evidência as linguagens da paisagem e territorialidade, processos estes, capazes de, como citamos anteriormente, suscitar reações emocionais que irão afetar nossa interpretação da realidade.

A cidade emoção é aqui, um produto do conhecimento, que para cada indivíduo ou grupo é um conceito socialmente construído. Por isto, trazemos de Vygotski (1998), que a formação dos conceitos é uma operação intelectual que une tanto diferenças como similaridades, e tem como mediador central o significado da palavra que designa as coisas no mundo, e que centraliza a atenção, abstrai traços, sintetiza-os e simboliza-os através de um signo (VYGOTSKI, 1998, p. 101.).

Vygotski (1998) acredita que o desenvolvimento dos conceitos ocorre tanto de maneira espontânea como intencional, ou seja, de forma instrucional. O que ele denominou, respectivamente, de conceitos cotidianos e conceitos científicos. Eles se relacionam e se influenciam mutuamente, e são mutuamente estimulados (VYGOTSKI, 1998, p. 107.). É importante balizar que quando o autor usa a palavra espontânea para se referir à formação de conceitos, esta “(...) é sinônimo de não-consciente, [uma vez que] ao operar com conceitos espontâneos, a criança não está consciente deles, pois, a sua atenção está centrada no objeto (...), nunca no próprio ato do pensamento” (p. 115).

Resumidamente, a formação dos conceitos é um processo relacional, que é possível somente através das interações as quais somos submetidos por força das circunstâncias ou que escolhemos vivenciar. Isto nos enuncia que mesmo a identidade individual – “o eu”, somente é possível em um processo sócio histórico através da identidade coletiva – “o nós”. Assim, nos é pertinente pensar que o conhecimento emocional ocorre imerso em uma comunidade também emocional.

A comunidade emocional e as construções identitárias

A construção do conhecimento é para Maffesoli (2010), orgânica. Este autor trata tal organicidade como um retorno ao vitalismo, ou seja, a vida universal presente em pequenos



grupos contemporâneos, e que é capaz de esclarecer a “(...) *emoção e a dimensão afetual*” (2010, p.27) que estruturam suas realidades.

Maffesoli considera ainda, que na contemporaneidade a lógica das identidades compartimentadas, estanques e que reduzem indivíduos está diluída, e o que ele chama de “*metáfora das tribos*” contribui para o entendimento do processo de desindividualização, em que os indivíduos passam a ter uma atuação coletivista dentro de diversas tribos, e que por sua vez, não estão restritos a uma única identificação tribal. Isto significa que ao transitar entre uma tribo e outra, o ser passa a possuir múltiplas identidades “(...) *como nebulosas de pequenas identidades locais*” (MAFFESOLI, 2010, p.36).

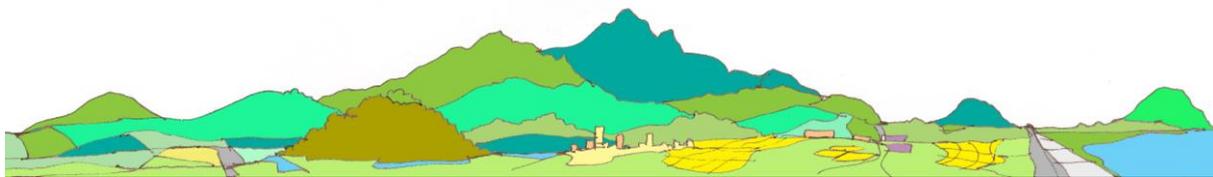
Esse movimento dos indivíduos é percebido através da nova ordem social, e é o que Maffesoli diz ser fruto do deslocamento e tensão que parte da antiga ordem calcada em uma estrutura mecânica do social à atual estrutura complexa ou orgânica da sociabilidade. A primeira ordem social considera a função dos indivíduos em grupos contratuais, já a segunda considera o papel das pessoas em tribos afetuais (MAFFESOLI, 2010, p.31).

Com base em tal entendimento, o autor coloca ainda, que as novas experiências de sociabilidade podem ser analisadas através do conceito de tribalismo presente na comunidade emocional. Resumidamente a comunidade emocional está pautada em três paradigmas: o estético; o ético, e; os de costumes.

O **paradigma estético** considera a multiplicidade do eu, personas (personagens), e o que serve para a reflexão sobre as múltiplas identidades é a ambiência de fundo em que se instalam os eventos, não somente a vida vivida, mas também a percebida, qual seja, “(...) *o sentido de vivenciar e sentir [viver e ver pelos processos perceptivos]*”, e que tende a construir uma estética comum sobre o real (MAFFESOLI, 2010, p.37).

O **paradigma ético** considera o conformismo existente em cada comunidade, ou a “*aceitação*” dos fatos, qual seja “*a lei do meio*” que fundamenta a ética comunitária. O que é tratado neste âmbito é o “*estar-junto solidário*” (MAFFESOLI, 2010, pp.45-46).

O **paradigma de costumes** considera a maneira de fazer de uma comunidade, que fundamenta o seu estar-junto. O que está em questão são os aspectos rituais, as experiências, pois o cotidiano é fundamentado por ações livres e relacionais (MAFFESOLI, 2010, pp.54-55). Os paradigmas que fundamentam a comunidade emocional se manifestam através da comunicação que estabelecemos com o mundo, por isso entrelaçam o território à línguaⁱⁱ na constituição das diversas territorialidades. Raffestin (1995) nos aponta que é difícil imaginarmos situações nas quais língua e território não estão envolvidos de uma maneira ou



de outra, nas quais esses mediadores não joguem um papel qualquer na construção das subjetividades e do sentido coletivo (RAFFESTIN, 1995, p.90).

Esses mediadores na construção da subjetividade, território e língua, metodologicamente são analisados através das nuances espaciais dos seguintes territórios: O **território cotidiano**, onde se desenrola a vida do dia-a-dia. Nesse território se constrói as necessidades de segurança, pertencimento, afetividade entre outros; O **território de trocas**, um território em movimento que não deve ser cartografado na escala do lugar, mas sim do planeta. Na escala da localidade, acreditamos que ele acontece nas sutilezas das relações de posse e poder de consumo; O **território referencial**, que é o território ancestral e que diz respeito à memória de um povo ou grupo; O **território sagrado** é importante por seu aspecto abstrato que organiza o real (RAFFESTIN, 1995, p.99).

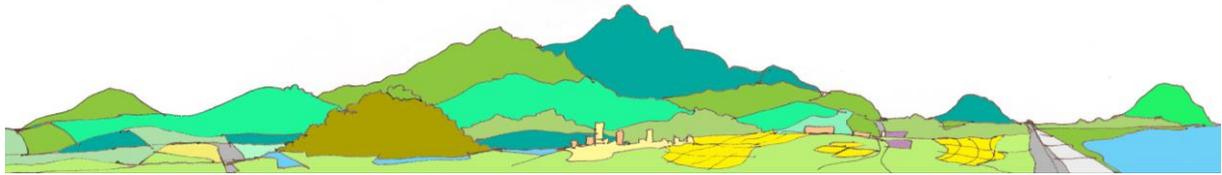
3. A APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DE ANÁLISE

Esta pesquisa observa as representações urbanas, através das nuances entre o perceber e o viver ambiências pelas emoções. Por isto, a nossa aproximação com o objeto de análise se faz pela etnografia que especificamente trata a emoção como as impressões que qualificam um determinado objeto e que são também expressas principalmente através das falas dos que nos informam (REZENDE & COELHO, 2010; KOURY, 2009).

Porém, esta fala está associada à apropriação que fazemos do lugar, à medida que esta é capaz de nos informar e captar a experiência sensível, através da percepção em movimento, por meio de três atividades ao mesmo tempo: “caminhar, perceber e descrever” (THIBAUD, 2003, p.3).

Nesse sentido, Thibaud (2008) nos esclarece a importância de uma etnografia, através do método do percurso comentado, comprometida com a percepção e representação produzida por todos os atores envolvidos, quais sejam, os “*eu, tu, ele: caminhando com três pessoas*” (THIBAUD, 2008).

O “EU” neste caso somos o “NÓS” pesquisadores. De qualquer forma a primeira pessoa, que experimenta a descoberta de um novo território urbano através do caminhar, é “[o] primeiro contato com um espaço não conhecido e de novas ambiências” (THIBAUD, 2008, p.2). O “TU” volta o olhar para a fala do outro. Não são mais nossas impressões ao caminhar livremente, mas as impressões daquele que nos leva no caminhar ou que são entrevistados no decorrer do trajeto. Já o “ELE”, consiste em nos colocar ao ritmo dos passantes pura e simplesmente, e em diversas horas do dia, os quais nós observamos à distância, nos



posicionando em um ponto específico do território, mas que, não está envolvido diretamente nesta pesquisa.

Na intenção de captar a dimensão emocional do espaço urbano, buscamos um grupo de jovens adolescente como informantes, e o lugar a partir do qual eles deram vazão às emoções na descrição da cidade, foi o Jardim Nossa Senhora das Graças, loteamento irregular mais conhecido como Carobinha, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

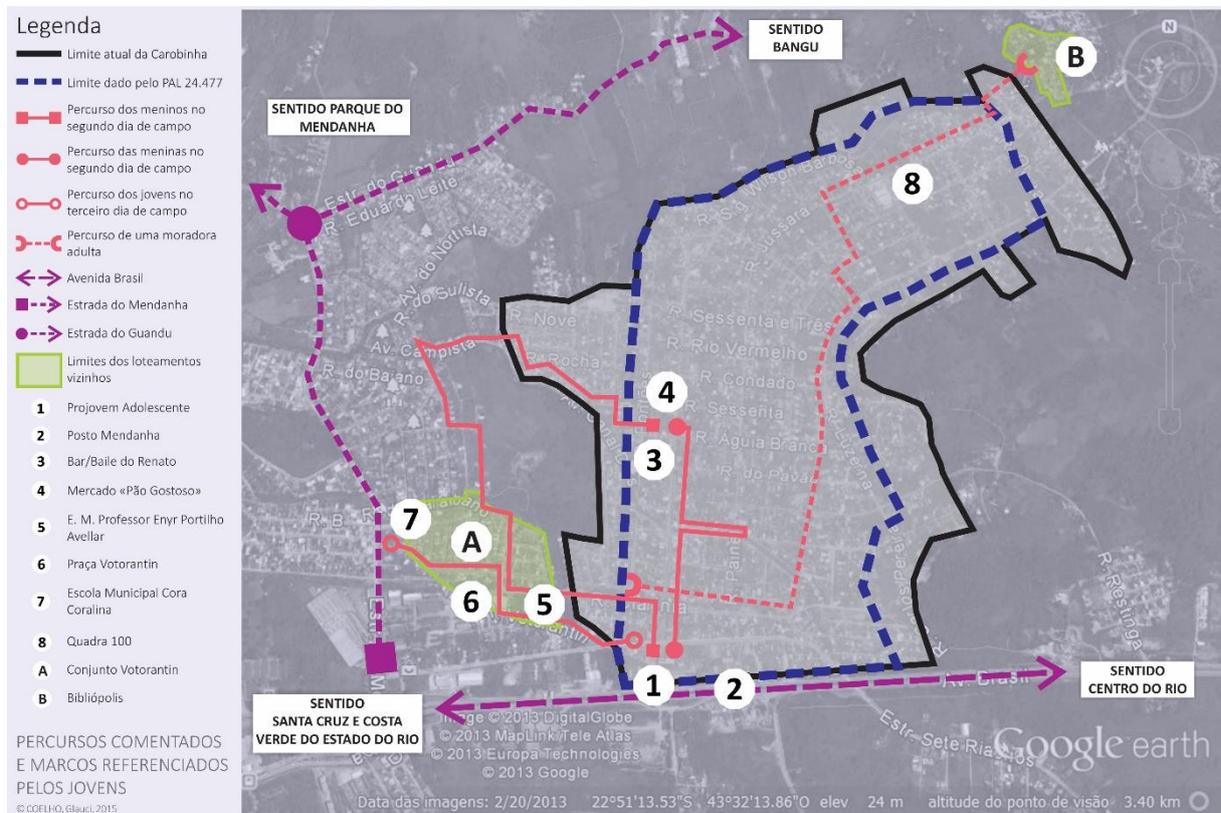


Figura 1: Mapa dos limites dos loteamentos e vias de circulação que definem o em torno da Carobinha.
Fonte da Imagem: Google Earth (Gerada em: 30-mar-13).

Nossa interação como investigadores foi participativa, por tanto, organizamos tanto quanto os nossos informantes nossas identidades nas interações cotidianas que estabelecemos. Nesta perspectiva, permanecemos em campo 5 dias não subsequentes entre abril e maio de 2012. Os meios de informação foram as falas expressas nas dinâmicas e nos percursos comentados, gravadas em vídeo e transcritas em um caderno de campo, além de desenhos produzidos pelos jovens em dinâmicas.

Escolhemos trabalhar com um grupo de jovens entre 14 e 17 anos, porque a juventude se comporta exatamente como uma comunidade solidária, tal como enunciado por Maffesoli



(2010), que age emocionalmente em pequenas tribos por processos de empatia, e por isso é capaz de se articular em redes de sociabilidade.

Isso nos possibilita refletir também sobre as relações de poder econômico, sentidas pelo fio da emoção de uma juventude que vê, percebe e vivencia as diferenças formais de um espaço urbano submetido às condições de pobreza. A partir de tais considerações, apresentamos uma breve análise do que é a cidade emoção entre o olhar e o viver urbano de 9 jovens integrantes do Programa Projovem Adolescenteⁱⁱⁱ sediado, no momento da pesquisa de campo, na Associação de Moradores, sendo 4 meninos e 5 meninas. Todos os meninos possuíam 17 anos, enquanto as meninas distribuíam-se entre 14, 16 e 17 anos na relação 2:2:1.

4. TERRITÓRIOS APROPRIADOS E REPRESENTADOS PELA JUVENTUDE

A partir do percurso metodológico apontado, nossas análises estão focadas em desvendar o que os territórios, cotidianos, de trocas, referencial e sagrado (RAFFESTIN, 1995) são para um grupo de jovens que moram na Carobinha. Entenderemos, através das considerações analíticas que se seguem, que as interpretações dos jovens são constituídas de aspectos emocionais que organizam suas percepções e reações no e com o mundo, e deixam claro que integram uma comunidade emocional.

Por isso, a melhor forma de iniciarmos nossas considerações sobre a cidade emocional, é ressaltar o conflito de estranhamento e resistência expressado pela jovem Gabriela^{iv} quando perguntamos ao grupo como era a Carobinha.

[sic] Professor^v: Fala Gabriela, olha pra cá... Gabrieeela? Gabriela? Olha pra cá e fala como é a sua comunidade.

[sic] Gabriela: MINHA COMUNIDADE É CHATA. (ANEXO 1, CADERNO DE CAMPO, PRIMEIRO DIA)

O que percebemos é que, de maneira geral, primeiramente os jovens reagem negativamente quando inqueridos sobre como é o lugar em que moram, mas tal reação é seguida de um discurso contraditório, carregado do mesmo conformismo que trata o paradigma ético de Maffesoli (2010) ao descreverem um lugar, que apesar da precária infraestrutura urbana, é capaz de acolher e posicionar suas identidades.

[sic] Gabriela: O lugar que eu moro é um pouquinho ruim, pois não tem NADA. (...). É MUITO CHATO porque não tem adolescente da minha idade e os que têm só gostam de jogar bola, soltar pipa e ficar correndo para cima e para baixo que nem malucos. EU NÃO SAIRIA DO LUGAR ONDE MORO, pois é um lugar onde eu tenho paz e tranquilidade de espírito, só que melhorasse em muitos aspectos e o primeiro seria o saneamento e a drenagem do rio, pois todas as vezes que chove muito forte, o rio enche, transborda, e enche a minha casa e as casas de outros vizinhos. (...). CONCLUINDO, O LUGAR ONDE EU MORO É CHATO, MAS É BOM AO MESMO TEMPO,



EXISTEM PESSOAS QUE ESTÃO PIORES OU NÃO TEM LUGAR ONDE MORAR. (ANEXO 1, CADERNO DE CAMPO, PRIMEIRO DIA).

Logo de início, é importante percebermos que a condição de pobreza dada pela precária infraestrutura urbana é algo percebido e entendido pelos jovens da Carobinha como um ponto central de distanciamento entre outras realidades urbanas. Isto fica claro à medida que o exploramos o caderno de campo. Meninos e meninas percebem a cidade pelas suas nuances socioculturais da mesma forma, contudo, ainda que o debate de gêneros não faça parte da nossa pesquisa, os jovens se dividiam em campo desta maneira. Assim, é importante trazeremos o discurso expresso pelos meninos e pelas meninas.

A filmagem dos meninos teve como mediador ativo "O professor" que indicava o que tinha que ser filmado, e isso desviava a atenção deles, que estavam preocupados de fato com o campo de futebol. Isso ressalta a força desse esporte no imaginário masculino de jovens que podem ter neste, uma maneira de subverter sua condição de pobreza. O campo de futebol é uma representação recorrente nos desenhos dos meninos como positivamente do espaço.

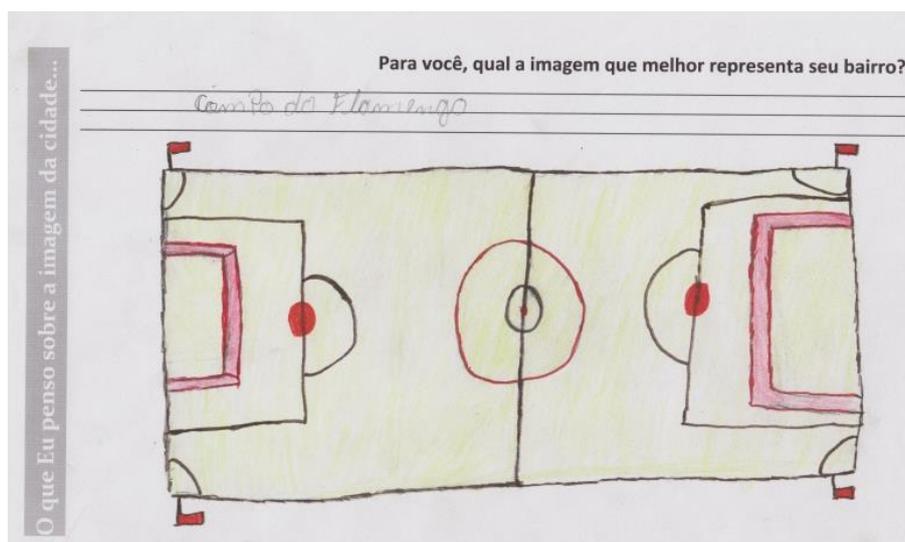


Figura 2: Desenho do Igor em maio de 2012.
Fonte: Caderno de vivências urbanas, anexo, caderno de campo.

Já o percurso comentado pelas meninas, não teve a força da mediação do "O professor". Elas ficaram livres para dar vazão as suas impressões sobre o espaço urbano. De maneira mais crítica, elas identificam a comunidade através da territorialização do controle dado pelo crime organizado^{vi}. Quando perguntamos sobre a organização de uma ocupação de moradores em um terreno, elas logo deixaram claro que aquilo tinha sido uma ação dos milicianos.

[sic] Juliana: ... Eles é quem tiraram o mato, os MM's. (SEGUNDO DIA).



As relações de trocas são visíveis através da plena consciência que os jovens da Carobinha têm do valor de compra dos pequenos objetos que fazem parte do seu cotidiano. Relacionam os valores dos objetos ao lugar, e por meio deste entendimento, se incluem ou excluem de determinado cotidiano.

[sic] Romário: Mais um pouco a frente tem um negócio ali... É tipo um ponto. É caro pra “caraca” as coisas lá entendeu. Fui pra comprar um negócio ali, um doce um Real, caro pra “caraca”. Não aconselho ninguém a comprar nada ali. (SEGUNDO DIA, ITEM A).

Já o território referencial que diz respeito à memória, percebemos um território que é referencial real e outro que é ideal. O primeiro diz respeito à materialidade de nossas experiências e que se relaciona tanto ao passado como ao presente, e o outro considera a imagem, muitas vezes utópicas que projetamos sobre qualquer fato ou coisa, e que incorpora o futuro como possibilidade.

Os jovens nos apontaram o território referencial real como o lugar afetivo, que tanto pode ser um lugar de construção da identidade através dos aspectos positivos, como dos negativos, ou seja, aquele lugar, que mesmo que saibam que pertence as suas realidades, eles tentam negar ou excluir de seus cotidianos. Um exemplo de lugar referencial real afetivo para esses jovens é o espaço da escola, primeiro lugar onde eles têm a possibilidade de se socializarem e expandirem suas identidades nas interações cotidianas. A escola é um lugar vivo na memória desses jovens, o qual eles revisitam a todo instante para descrever o lado melhor de suas vidas.

[sic] Márcia: (...) Ih! “a lá” passei anos da minha vida nessa rua... Meu antigo colégio, tipo... Meu primeiro colégio. (SEGUNDO DIA).

Porém, o lugar referencial real afetivo pelos aspectos negativos, ou seja, o lugar negado, também aparece nas falas dos jovens, o que revela a nuance emocional que eles “travam” com a comunidade. O lugar negado é associado à imagem do tráfico de drogas que antes dos milicianos “controlava” o território da Carobinha, e que para esses jovens, é a pior imagem e a qual nenhum deles quer estar associado.

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... Graças a Deus, Deus me livrou desse mal!

[sic] Pesquisadores: O que é que tem na quadra 100?

[sic] Gabriela: Porque, é... Quando era bandidagem aqui, aí...

[sic] Gabriela: É... o pessoal só ficava lá, então a quadra 100 é tida como favela, como coisa que não presta, como lugar que não presta. (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM E).

Quanto ao território referencial ideal, os jovens mesclam entre aquilo que é esperado de uma cidade, com aquilo que existe de fato e que é razão de ironia para eles. Eles buscam a



todo instante, imagens icônicas que servem para positivar a imagem do lugar, como a infraestrutura urbana ou elementos paisagísticos presentes em áreas abastadas da cidade.

[sic] Romário: (...) Olha os coqueiros, que lindo! “Caraca”! Parece Copacabana né, massa! (...). (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM A).



Figura 3: Palmeiras na entrada da Carobinha.
Foto: Arquivo pessoal dos autores, Maio de 2012.

Contudo, é evidente que a totalidade do lugar, tal como dito pela jovem Gabriela no início desta análise, possui infraestrutura deficiente e tratamento diferenciado, no que diz respeito à produção formal do espaço, e isto é por eles ironizado.

[sic] Romário: Olha a rua gente! Olha o cenário! Só Deus na causa.

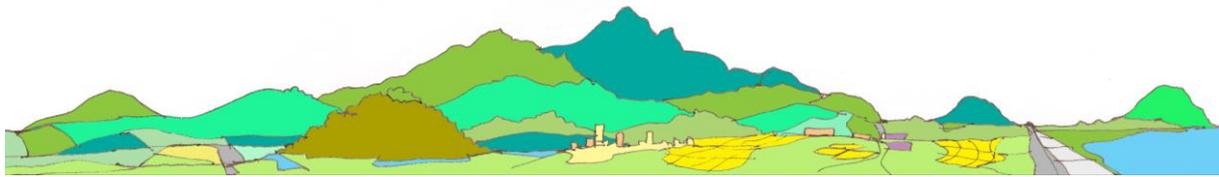
[Pesquisadores] Referia-se a Rua Dália que não é asfaltada e cheia de poças d’água acumuladas nos buracos feitos pelo trânsito de veículos.

[sic] Romário: Ôôô... Uma imagem dessas! Nem quero ir a Paris mais.

[sic] Romário: Na zona sul não tem isso, olha o estado [rua de terra com poças d’água].

No contexto de precariedade da infraestrutura urbana, o território sagrado surge como o meio da salvação de suas realidades, através do discurso da aceitação e conformismo. Discurso este, exemplar do “*estar junto solidário*” que é próprio do paradigma ético caracterizado por Maffesoli (2010, pp.45-46).

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... Graças a Deus, Deus me livrou desse mal! (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM E).



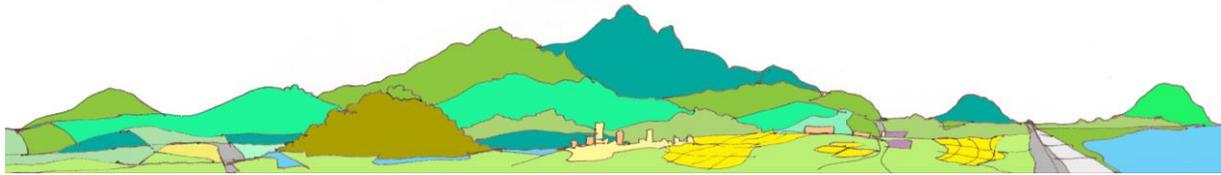
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo entre os territórios cotidiano, de trocas, referencial e sagrado evidencia um cotidiano que é “dado” pelo sistema a esses jovens, e que por suas situações econômicas têm suas capacidades de consumo dos espaços urbanos litados, pois os mesmos possuem a consciência das realidades a que são submetidos, ao se reportarem aos territórios referencias que evidenciam as diferencias estruturais dos espaços da cidade. O território sagrado entra para explicar o que o sistema não explica e para acomodar suas emoções através do mecanismo de aceitação.

Nossas construções indenitárias conflitam a todo instante entre interioridade- exterioridade, mas o que fica no exterior é exatamente aquilo que construímos com o coletivo, o que ressalta o caráter sócio histórico das sociedades. Maffesoli (2010) nos fala de persona como um “eu público”, ou melhor, aquilo que encenamos parecer, nos diferentes contextos, pois nós somos tantos quantos forem possíveis nossas vivências, mas sempre atrelados a uma tribo e os seus paradigmas estéticos, éticos e de costumes que constituem a “cidade emocional”.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Positivo informática Ltda.: CD-ROM Versão 5.0, 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- MAFFESOLI. Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª ed, 2010.
- MDS (Ministério do Desenvolvimento Social). Projovem Adolescente. Brasília: Governo do Brasil. 2013. <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/projovem> (Acessado: 14 jan. 2013).
- RAFFESTIN, Claude. Langue et territoire. Autour de la géographie culturelle. In: WALTY, Samuel; WERLEN, Benno. Kulturen und Raum: theoretische Ansätze und empirische Kulturforschung in Indonesien: Festschrift für Professor Albert Leemann. Zurich: Rüegger, 1995. pp. 87-104. <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:4451> (Acessado: 16 dez. 2012).
- _____. Paysage et territorialité. Cahiers de géographie du Québec, vol. 21, N°. 53-54, 1977, pp. 123-134. <http://id.erudit.org/iderudit/021360ar> (Acessado: 16 dez. 2012).
- REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- THIBAUD, Jean-Paul. La parole du public en marche. In: MOSER, Gabriel et WEISS, Karine (Orgs.) Milieux de vie: Aspects de la relation à l'environnement. Paris: Armand Colin Collection « Sociétales », 2003, pp.113-138. http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=87 (Acessado: 14 jan. 2013).



_____. Je, Tu, Il. La marche aux trois personnes. Urbanisme. n.359, Mars-Avril 2008, pp.63-65.
http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=331 (Acessado: 14 jan. 2013).

VYGOTSKI, Lev. Pensamento e Linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; et al. São Paulo: Marins Fontes, 2ª ed, 1998.

NOTAS

ⁱ O “*espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas*” (AURÉLIO, 2004).

ⁱⁱ Importante destacar que o termo língua para definir a comunicação humana, não tem aqui a intenção reducionista que considera a fala verbalizada, que demarca territórios, como única forma de expressão. Por isso, esta pesquisa se debruça também sobre a expressão corporal, evidenciadas pelas escolhas de movimentação (trajetos) no espaço urbano, textos e imagens desenhadas ou fotografadas por nossos informantes em campo.

ⁱⁱⁱ Programa do Governo Federal que integra a Política Nacional de Assistência Social, que é uma política pública de proteção social de caráter universalizante, que se materializa por meio do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O Projovem foi regulamentado através do Decreto nº 6629 de 4 de novembro de 2008 como um programa de Inclusão de jovens, e que tem como foco o “*fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino*” (MDS, 2013).

^{iv} Os nomes dos jovens foram alterados para preservar suas identidades.

^v Forma como os jovens se referiam ao “orientador social” do Programa Projovem Adolescente. Este desempenha a “função-chave” de facilitar a trajetória de cada jovem e do coletivo juvenil na direção do desenvolvimento pessoal e social.

^{vi} A comunidade da Carobinha é submetida ao controle dos milicianos, denominados pelos jovens de “Os MM’s”, sigla para meliantes milicianos.